



INTERTEXTUALIDADE NO CINEMA E A POESIA DE SYLVIA PLATH

INTERTEXTUALITY IN FILM AND POETRY OF SYLVIA PLATH

Táisa Carvalho¹

Acir Dias da Silva²

RESUMO: Além de proporcionar estudos comparados, o uso da literatura vinculada com outras artes, como o cinema, a música e a pintura, é também um memorial, no qual o pesquisador faz um resgate da história e apresenta uma nova reflexão, oportunizando assim novos horizontes de conhecimento. A partir dos conceitos de adaptação de Robert Stam, Intertextualidade de Genette e apoio teórico de Bakhtin e outros, torna-se possível pensar na prática intertextual. O artigo mostra a análise o uso da poesia de Sylvia Plath como meio de adaptação e intertextualidade no cinema. Com as obras fílmicas *Sylvia*, *Paixão além das palavras* de Christine Jeffs e um poema de Sylvia Plath sem título, utilizado no filme.

PALAVRAS-CHAVES: Adaptação, cinema e poesia.

ABSTRACT: Besides using comparative studies, the use of literature with other arts such as cinema, music and painting, is also a memorial, in which the researcher makes a rescue of history, and a new reflection, thus providing opportunities for new horizons of knowledge. The concepts of adaptation of Robert Stam, Intertextuality by Genette and theory support of Bakhtin and others, it becomes possible to think of intertextual practice. The article aims at analysing the use of the poetry by Sylvia Plath as a means of adaptation and intertextuality in the film. The film is “*Sylvia*, *passion beyond words* by Christine Jeffs and poem by Sylvia Plath untitled, used in the film.

KEYWORDS: Adaptation, film, poetry.

¹ Mestranda em Letras, na linha de pesquisa Linguagem Literária e Interpretações Sociais: Estudos Comparados, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus de Cascavel; Especialista em Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela União Pan-Americana de Ensino – UNIPAN; pós-graduanda em Língua de Sinais Brasileira e Educação Especial na Faculdade Eficaz em Maringá – PR; Graduada em Letras Port./Ing. pela Universidade Paranaense – UNIPAR/Campus de Cascavel; Docente efetiva da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus de Toledo; Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Cidadania e também Membro do Programa Institucional de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais – PEE na UNIOESTE/ Campus de Toledo. E-mail: carvalhotaisa@yahoo.com.br ou taicarvalho1@hotmail.com

² ???



INTRODUÇÃO

A literatura é uma expressão que reflete a sociedade, possibilitando a recreação da realidade, do mundo e dos sonhos. Ela coopera para com os leitores na interpretação e a moldar convicções, ideais e até a própria vivência. Para Candido (1985) a literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a e deformando-a.

Além de proporcionar estudos comparados, o uso da literatura vinculada com outras artes, como o cinema, a música e a pintura, é também um memorial, no qual o pesquisador faz um resgate da história e apresenta uma nova reflexão, oportunizando assim novos horizontes de conhecimento.

Através de estudos e práticas diversas da perspectiva construíram-se os estudos sobre a **arte da memória**. Primeiramente, a pintura com a sublimação de tornar presente o ausente e muito mais, tal como tornar à vida àqueles que por muito tempo se encontram morto. O que para a pintura é chamado “janela” passa a ser a “tela do cinema”, local onde são colocadas imagens e locais em movimento, por onde o espectador, em observação ativa, vê passar o mundo.

A perspectiva do olhar, o reflexo do ponto de vista na arte torna-se a expressão enquanto político e que se altera a cada momento. Ao olhar para o outro faço projeções, estereótipos ou modalidades. O olho se torna a janela do pensamento. Na arte, o glamoroso é poder brincar em seguir de absoluto a história, se achar que deve ou se preferir, alternando a cronologia e apresentando o depois como prova.

E como afirma Almeida (1999), assistir a um filme é estar envolvido num processo de recriação da memória. Santo Agostinho (*Confissões X*) refere-se à memória como sendo o lugar onde o sujeito se encontra a si mesmo e se recorda das ações que fez, do seu tempo, do lugar e até dos sentimentos que dominavam ao praticá-las. E nesse lugar também estão todos os conhecimentos aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença.



Nesse sentido é pertinente a definição de Bakhtin de “expressão artística”: é uma “construção híbrida” que mistura a palavra de uma pessoa com a de outra. E, porque o filme (cinema) é o elemento que torna mais visível uma tal colaboração e mistura. Justo nele isso se aplica mais facilmente. O cinema propicia a reinvenção da memória: quando o espectador recebe as novas imagens acontece com ele à tomada de posição para o rearranjo, para o processo de reinvenção com as imagens já armazenadas na memória. Yates (2007), explica que há dois tipos de memória, uma natural e outra artificial. Natural é aquela inserida em nossas mentes, que nasce ao mesmo tempo que o pensamos, a artificial é aquela que é reforçada e consolidada pelo treinamento.

Diante disso, temos a intenção nesse artigo de discutirmos sobre a adaptação como prática textual, nos baseando nas críticas convencionais que dizem frequentemente que o cinema, de alguma forma, fez um desserviço à literatura, nos utilizaremos da obra fílmica “Sylvia, Paixão além das Palavras” de Christine Jeffs e um poema sem título, da Sylvia Plath que dá início ao filme. Entretanto, antes da análise propriamente dita faz-se necessário um breve relato sobre o que é adaptação, intertextualidade e a vida de Sylvia Plath.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A teoria e a análise literária têm relacionamento direto ou indireto com a intertextualidade, ou nos termos atuais, da América Latina a “antropofagia”, com a noção de significado de Gates até a ansiedade da influência de Bloom, sendo relevante para o cinema e a adaptação.

Robert Stam no texto “Teoria e Práticas da adaptação” apresenta o termo utilizado por Genette, a transtextualidade, referindo-se a tudo aquilo que coloca um texto em relação com outros textos, seja essa relação manifesta ou secreta. Genette nomeia cinco tipos de relações transtextuais, todos dentro dos estudos da teoria e análise da adaptação. A intertextualidade ou efeito de co-presença de dois textos; a paratextualidade ou a relação, dentro da totalidade de uma obra literária, entre o próprio texto e seu paratexto; a metatextualidade, ou a relação crítica entre um texto e outro, seja quando o texto



comentado é citado explicitamente ou quando é evocado silenciosamente; arquitextualidade ou as taxonomias genéricas sugeridas ou refutadas pelos títulos e subtítulos de um texto e por último a hipertextualidade se refere à relação entre um texto que Genette chama de hipertexto, com um texto anterior ou hipotexto, que o primeiro transforma, modifica, elabora ou estende, esse talvez seja o mais relevante para a adaptação.

Com um amplo arquivo de conceitos e termos para dar conta das transformações da mídia, a teoria da adaptação tem a sua disposição os seguintes termos como: adaptação enquanto leitura, re-escrita, crítica, tradução, transmutação, metamorfose, recriação, transvocalização, significação, performance, dialogização, canabalização, reimaginação, encarnação ou ressurreição.

Conforme Stam (2006), a adaptação é vista como uma espécie de purgação. O romance, em nome da legitimidade para a audiência das massas, “é purificado” das ambiguidades morais, interrupções narrativas e meditações reflexivas. A corrente estética dominante é compatível nesse caso com um tipo de censura. No filme “Sylvia, Paixão além das palavras”, segundo Arlindo Correa (2004), a herdeira de Sylvia Plath, Frieda proibiu o uso completo das obras da mãe e pai.

A adaptação, nesse sentido, é um trabalho de reacentuação, diz Stam (2006), uma obra que é fonte passa por novas lentes e discursos e é reinterpretada. Assim como aconteceu na obra fílmica de Sylvia Plath, o autor se utilizou dos poemas de Plath para de uma forma crescente ir apresentando fatos biográficos que foram reinterpretados através da sua lente.

Antes de apresentarmos a análise do poema e do filme, acreditamos ser importante estabelecer alguns fatos sobre Sylvia Plath.

VIDA DA SYLVIA

Sylvia Plath nasceu em 27 de Outubro de 1932. Era filha de uma família de classe média na cidade de Jamaica Plain, em Massachusetts. Sensível e inteligente, ela era extremamente popular na escola, onde obteve sempre notas excelentes, chegando a ganhar



alguns prêmios literários. Durante o tempo em que permaneceu na universidade, escreveu cerca de 400 poemas. Porém por detrás desta aparência de perfeição escondia uma profunda angústia e sofrimento, os quais foram originários pela morte do pai, quando Plath tinha provavelmente nove anos de idade.

No percurso de sua vida, Plath tentara suicídio por três vezes e descreveria essas experiências em seus poemas e também em seu romance “A Redoma de vidro” publicado em 1963, e como podemos observar no trecho do poema “Lady Lazarus” “... Tentei outra vez, a cada dez anos, eu tramo tudo...”. Ela passou por um momento de recuperação com tratamentos de eletrochoques e sessões de psicoterapia, o romance autobiográfico descreve seus momentos vividos neste período “The Bell Jar”. Plath graduou-se com louvor e conseguiu uma nova bolsa para estudar em Cambridge, na Inglaterra.

Nesse lugar, foi onde conheceu e logo se casou com Ted Hughes, também poeta. A sua vida sentimental, de início, era toda glamorosa. Entretanto sua vida profissional estava de mal a pior, pois não conseguia se sentir inspirada para escrever, mesmo com o apoio de seu marido, o qual fez várias tentativas para ver se Sylvia se inspirava e com resultado negativo para todas elas. (Cena do filme em que ele a leva pra passear no rio.). Conforme o tempo ia se passando Sylvia já não escrevia, trabalhava como professora e cuidava do lar. O seu casamento fora marcado pelas infidelidades de Ted, o que para Sylvia era tenebroso controlar.

Enquanto Sylvia estava casada sua identidade profissional ficara adormecida, anulada diante a situação. Com a separação Sylvia a resgata e volta à ativa. Sylvia voltou para Londres e a trabalhar intensamente, cuidando de seus filhos e produzindo poemas. Em 11 de fevereiro de 1963, Sylvia cometeu suicídio inalando gás de cozinha, após ter deixado o café da manhã para seus filhos no quarto e tê-lo lacrado para que o gás não entrasse. Dois anos depois de sua morte uma coletânea de seus últimos poemas fora publicado, e em 1986 o livro *Collected Poems*, foi publicado por Ted Hughes.

Em seus escritos, Plath utilizava uma linguagem figurativa e imagens fortes para reforçar o tema de seus poemas, especialmente o de suicídio e morte. Como pode ser exemplificado no poema “Pursuit” que quer dizer “perseguição”, no trecho “There is a



panther stalks me down: one day I'll have my death of him” que significa “Há uma pantera me esperando de tocaia: algum dia vou morrer graças a ela”. Este poema Sylvia fez logo após conhecer Ted e em língua inglesa, se formos observar a pantera é feminino e ela diz que a morte será graças a ele (him) que em todas as traduções encontradas dizem ela, porque pantera é feminino. Isso só fora possível observar graças ao filme.

ANÁLISE DO FILME E DO POEMA THE TREE OF LIFE

O trecho inicial do poema: “Às vezes eu sonho com uma árvore, a árvore é a minha vida...”. (Sometimes I dream of a tree, And the tree is my life...). Então vamos ao filme, inicia com a cena em que Sylvia aparece deitada de olhos fechados e o poema vai sendo recitado por ela. Logo aparece à imagem de uma árvore grande e cheia de galhos, folhas e ao desenvolver do filme essa imagem da árvore vai acompanhado a personagem Sylvia, a diretora se utiliza dessa simbologia que vamos observar a sua raiz no poema. Analisaremos essas cenas e em que relação tem com o poema. A próxima cena, aparece Sylvia pedalando, indo para a Universidade com muita pressa para conseguir a revista, na qual sairia uma crítica sobre sua poesia. A crítica sobre seu poema fora terrível, e Sylvia queria saber o porquê a trataram daquela forma, então fora a festa de divulgação da revista, na qual conheceu Ted Hughes.

Vamos acompanhar a conversa de Sylvia com Tom o qual vendia a revista: Sylvia: “Tom onde estão as revistas?” Tom: “A gráfica não liberou ainda.” Sylvia: “Não saiu nenhuma crítica, não é?” Tom: “Saiu uma crítica sobre seu trabalho sim... Está em “Poesias” página 11.” Sylvia: “Essencialmente comercial, forma poética burguesa e explicitamente ambiciosa.”

Em seguida, desde que Sylvia começou a se relacionar com Ted, começou a tomar conta de tudo que era dele, como uma secretária, enviou um livro dele para concorrer a um prêmio, o mesmo ganhou sem que Ted Hughes soubesse como. Então os dois se casaram e foram para os Estados Unidos da América, onde Sylvia fora trabalhar de professora na universidade enquanto a carreira de Ted ia se estabilizando. Sylvia deixa de lado sua vida



profissional para fazer com que a de Ted se concretize definitivamente. Como podemos perceber na conversa de Sylvia com a mãe dela.

Sylvia: “o que você acha? Mãe de Sylvia: “ainda está muito líquida.” Sylvia: “estou falando sobre o Ted.” Mãe de Sylvia: “Ele é muito...” Sylvia: “O que?” Mãe de Sylvia: “Eu não sei... é diferente.” Sylvia: Por que não fica satisfeita por mim?” Mãe de Sylvia: Como ele vai sustentar você?” Sylvia: Eu não quero ser sustentada... ele será um grande poeta...ganhou um prêmio de poesia, sendo que o juiz foi WH Auden. Mãe de Sylvia: “é mesmo?” Sylvia: “Eu tenho dinheiro guardado.” Mãe de Sylvia: “e quando acabá-lo?” Sylvia: “Mãe arrumei um emprego de professora e também posso vender histórias para essas revistas bobas, não faz mal.

O trecho do poema dela se referindo ao marido: “...Um ramo é o homem com quem vou me casar e as folhas, meus filhos...”(One branch is the man I shall marry And the leaves are my children.). Depois de idealizar ser a sra. Hughes, Sylvia se casou e teve dois filhos com Ted Hughes.

O próximo fragmento do poema é em relação a sua vida profissional: “... Outro ramo é meu futuro como escritora, E cada folha é um poema...” (Another branch is my future as a writer And each leaf is a poem.). Para comparar com esse fragmento escolhemos a cena do filme no qual Sylvia está verificando alguns erros de impressão dos textos de Ted Hughes e o mesmo está atendendo ao seu grande amigo e crítico literário Alvarez, enquanto Ted buscou uma xícara de café Sylvia aproveitou para falar de seus escritos. Sylvia: “Olá, deve ser o Sr. Alvarez?” Alvarez:“ Sou e você deve ser a Sra. Hughes?! Sylvia: “Night Shift.” “Night Shift” foi um poema que publicou no “Observer?”.” Alvarez: “Ah sim, era um belo poema!” Sylvia: “ Eu sei, fui eu quem escrevi.” Alvarez: “Você é a Sylvia Plath?! Sylvia: “sim” Alvarez: “Escreveu mais algum poema?” Sylvia: “sim, na verdade tenho num livro de poema que logo será publicado “The colossus?”.” Alvarez: “Eu adoraria ler.” Sylvia: “Seria uma honra.”

Continuando com mais um fragmento: “... Outro ramo é uma brilhante carreira acadêmica, Mas enquanto fico sentada / tentando escolher, As folhas começam a ficar marrons e cair...”, (Another branch is a glittering academic career. But as I sit there, trying



to choose, The leaves begin to turn brown and blow away). Para confrontarmos com o poema ficamos com a cena em que Sylvia descobre a primeira traição de Ted.

Sylvia: “Meu Deus você me fez de idiota, datilografando seus poemas, perdendo meu tempo lecionando em vez de ficar escrevendo, para me satisfazer com sua glória refletida, eu deveria ganhar uma medalha por serviços prestados à poesia anglo-americana.” Ted: “Para ganhar uma maldita medalha você tem que escrever poesia.” Sylvia: “Mas eu não tenho tempo, tenho? Porque fico nesta casa enquanto você transa com minhas alunas.”

Para decidir a cena que melhor fosse dar compreensão com o último fragmento, “... Até a árvore ficar completamente nua.” (Until the tree is absolutely bare.). Dentre tantas ficamos com a cena em que no meio de uma crise, depois de ter se separado de Ted, já na Inglaterra novamente, Sylvia vai até o vizinho que morava no andar de baixo do apartamento dela, e pede ajuda. Entretanto, faço aqui um parêntese para descrever a cena desse último verso do poema, que aparece logo que Sylvia pede a Ted para sair da sua casa em Devon, no interior, e ela também vai embora desse lugar, mas no caminho aparecem árvores totalmente secas, ela pára, sai do carro e vai até o uma praia, fazia muito frio, fora um dos invernos mais rigorosos na Inglaterra, e fica ali olhando para a água agitada e de repente se volta para o carro ouvindo o choro dos filhos, volta imediatamente para eles.

Voltando para a transcrição da fala. Vizinho: “Você está bem? Entre. Sente-se.” Sylvia: “Eu vou morrer, vou morrer logo e quem vai cuidar dos meus filhinhos!” Vizinho: “Não entendo, o que quer dizer com vou morrer? Você está doente? Ficou doente?” Sylvia: “Não, não estou doente.” Vizinho: “Vou chamar um médico então.” Sylvia: “Não, não chame um médico, você sabe o que eles fazem com você, eles amarram e ai vem aquele monte de centelhas.”

Na obra filmica ainda passam mais algumas cenas até o final deste, cenas em que Sylvia pede ajuda aos seus médicos, não obtendo resultado, tentativa de voltar com Ted e sem resultado também, pois o mesmo preferiu a Assia que estava grávida a ela. Diante dessa situação a cena do suicídio, o encontro dos filhos de Sylvia, o corpo dela sendo levado para um carro de necrotério envolvido por uma manta vermelho sangue, com



ênfase nas árvores secas novamente e a última imagem do filme e a árvore florida novamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa primeira impressão, o estudo da adaptação é desprezado dentro da teoria e análise cinematográfica, mas também pode ser visto como algo central e importante. Stam (2006) deixa claro que embora o estudo da adaptação frequentemente assuma que os textos-fontes são literários, as adaptações também podem ter fontes sub-literárias ou para-literárias. Filmes históricos adaptam textos históricos. Filmes biográficos adaptam textos biográficos sobre figuras históricas famosas. Nesse caso, obras literárias como os poemas de Sylvia, reunidos e publicados em livros com prefácios escritos por ela, pós morte as publicações eram feitas por Ted Hughes até 1998. De lá para cá as publicações ficaram ligadas aos herdeiros, e de 2009 até o dia de hoje somente por Frieda, a filha mais velha de Sylvia Plath e Ted Hughes, pois Nicholas Hughes aos 47 anos se enforcou na casa dele no Alasca.

Além disso, o filme se utiliza da intertextualidade, referencias conhecidas anteriores ao filme, como Shakespeare com seu Romeu e Julieta e Chaucer com a Esposa de Bath, citados por Ted Hughes e Sylvia Plath.

Mas as adaptações, de certa forma, tornam manifesto o que é verdade para todas as obras de arte diz Stam (2006), todas são de alguma forma derivada, os estudos das adaptações, nesse sentido causam um grande impacto na compreensão dos filmes. Podemos ainda falar em adaptações mal feitas ou bem feitas, mas orientados por noções rudimentares e em análises que sempre levam em consideração lacuna entre meios e materiais de expressão bem diferentes.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José. **Arte da Memória**. Ed. Autores Associados – Campinas, SP, 1999;
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- CANDIDO, Antonio [et al]. **A Persopnagem de Ficção**. Perspectiva, SP, 2007;
- COSSON, Rildon. **A Contaminação como Estratégia Comparatista**. Editora UNB, 2001.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. **A Ideia e a Lira**. Folha de São Paulo, 20/05/2012.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. **In 23 Reunião Anual ANPED**, Caxambú – SP: DP&A, 2000;
- MOISES, Leyla Perrone. **A Literatura Exigente**. Folha de São Paulo, 25/03/2012.
- OROZ, Sílvia. **Melodrama – O Cinema de Lágrimas da América Latina**. 2ª Ed. Ver. E ampl. RJ: Funarte, 1999.
- Plath, Sylvia. **Ariel**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lens de Macedo, Campinas, SP: Verus Editora, 2007;
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Teoria Contemporânea Do Cinema – Pós-estruturalismo e filosofia analítica**. Vol. I, Editora Senac: SP, 2005;
- REYES, Josmar de Oliveira. **O filme como leitor do texto literário: reflexões teóricas**. Anais do IX Seminário Nacional de Literatura Histórica e Memória-Literatura do Cinema e III Simpósio Gêneros Híbridos da Modernidade – Literatura no Cinema. SP; 2009;
- STAM, Robert. **A Literatura através do Cinema – Realismo, magia e a arte da adaptação**. Tradução de Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. **Bakhtin da Teoria Literária à Cultura de Massa**. Tradução de Heloísa Jahn, Editora Ática,1992;
- _____. **Teoria e Prática da Adaptação: da Fidelidade à intertextualidade**. Ilha do Desterro, nº 51, Florianópolis – SC; 2006;
- YATES, Frances Amelia. **A Arte da Memória**. Tradução de Flávia Bancher, Campinas, SP, Editora UNICAMP, 2007;



http://conexoesintersemioticas.blogspot.com.br/2008/10/o-que-traduo-intersemiotica_17.html acesso em 31/03/2012

<http://www.arlindo-correia.com/041004.html> acesso em 09/06/2012

Obra Fílmica: Sylvia, Paixão além das Palavras de Christine Jeffs – Inglaterra, 2003. Biografia e drama.